

SANTANA, José Valdir Jesus de (Org.). **Relações etnicorraciais e educação escolar indígena: relatos de pesquisas.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. 222p.

Elenilson Evangelista Silva\*

A obra organizada por José Valdir Jesus de Santana, pedagogo com doutoramento em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor adjunto da Universidade Estadual da Bahia (UESB), traz nove capítulos que relatam pesquisas sobre relações raciais e educação escolar indígena, escrito por pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior. Temáticas como segregação racial no Brasil, racismo e discriminação no âmbito escolar, práticas religiosas, saúde mental da população negra, cultura, currículo e escola em contexto indígena, a relação da criança indígena com o trabalho fazem parte das discussões do livro.

No primeiro capítulo, Reinaldo José de Oliveira analisa as condições socioeconômicas, espaciais e raciais da população negra brasileira no século passado e na primeira década do século XXI. O autor é categórico ao afirmar que a segregação no Brasil não é apenas uma questão social, mas racial. Faz uma crítica à academia ao apontar que poucos estudos têm sido realizados sobre a segregação pelo viés racial, uma vez que “(...) a questão racial vinculada ao espaço urbano merece observações e reflexões tanto das ciências que lidam e trabalham o espaço urbano assim como das áreas do conhecimento que estudam o racismo e as desigualdades raciais” (OLIVEIRA, 2017, p. 6).

Para Oliveira (2017), a segregação urbana no Brasil é intrinsecamente racial, o que leva o autor a fazer um profundo estudo sobre as condições socioeconômicas e raciais da população negra ao longo da história. O autor considera que para superar o quadro atual da segregação urbana racial é preciso investir em políticas públicas no combate às desigualdades socioeconômicas e às desigualdades raciais.

No capítulo dois, Aline Oliveira Ramos, José Valdir Jesus de Santana e Marise de Santana têm por hipótese que “a postura racista e preconceituosa do educador diante de um determinado aluno pode ter consequências para o seu fracasso escolar”. Os

---

\* Graduado em Pedagogia (UESB), Mestrando em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: lenepedagogo@gmail.com.

autores apresentam os resultados de uma pesquisa que procurou responder à seguinte questão: “como os alunos e professores do fundamental I lidam com as diferenças etnicorraciais e o racismo no ambiente escolar?” (RAMOS; SANTANA; SANTANA 2017, p. 46). A pesquisa foi realizada em uma escola dos anos iniciais do ensino fundamental do município de Itapetinga-BA e conclui que os processos de discriminação na escola ora são naturalizados, ora são silenciados. Para a superação dessa problemática, os autores apontam para a necessidade de uma educação antirracista e da verdadeira efetivação da Lei 10.639/03 no âmbito escolar e social.

O terceiro capítulo, de autoria de Aline Garcia Santos e Benedito G. Eugenio, analisa o processo de criação da disciplina História e Cultura Africana na rede municipal da cidade de Jequié-BA. Os dados foram construídos por meio de entrevista com professores de três escolas do ensino fundamental dos anos finais, bem como com a análise do Decreto 8.559\06 “que estabeleceu a criação do Núcleo de Estudos sobre História e Etnia Africana como uma das metas do programa municipal de educação para a diversidade cultural e étnico-racial com objetivo de implantar a Lei 10.639” (SANTOS; EUGENIO, 2017, p. 66).

Os autores apontam que para a efetivação do trabalho com a cultura afro-brasileira na rede pública de Jequié, criou-se o Núcleo e uma disciplina que, no início, devido às dificuldades de ensinar conteúdos da temática, incorporava às áreas de Literatura, Artes e História. Os professores investigados relatam que há certa resistência de alguns alunos ao estudar a disciplina, principalmente em virtude de questões relacionadas à religiosidade. No entanto, os mesmos professores afirmam que as práticas pedagógicas da disciplina conscientizam os alunos tanto para a afirmação de suas identidades quanto para o respeito às diferenças.

O quarto capítulo, de Silene Arcanja Franco, tem por objetivo “refletir a respeito das vivências religiosas e práticas de curas das parteiras investigadas, entendendo como exemplo de africanidades que são reatualizados cotidianamente nos bairros de Salvador e Lauro de Freitas” (FRANCO, 2017, p. 84).

Segundo Franco (2017), as práticas de curas constituem em orações, rezas, massagens e uso de plantas medicinais. Nesse sentido, a autora conclui que as parteiras cumprem um papel de transgressão diante de uma sociedade em que a medicina tem um poder absoluto. As orações e o uso de plantas têm muito significado para as parteiras e

para as pessoas que as procuram seja para o parto, cura de doenças, desemprego, ou outros incômodos (FRANCO, 2017).

O capítulo cinco, de Idália Lino dos Santos e Marcos Lopes de Souza, problematiza o porquê de a umbanda e o candomblé sofrerem preconceitos e discriminações. Os autores construíram os dados por meio de entrevistas com representantes do espiritismo (três participantes), da umbanda (um participante) e do candomblé (dois participantes).

Santos e Souza concluem que os adeptos espíritas da cidade de Jequié-BA têm preconceito e discriminação em relação às religiões de matriz africana por considerarem estas “atrasadas”, “menos evoluídas”, “seitas malignas”, “crendice”. Essas ideias retratam o enaltecimento etnocêntrico das origens da cultura europeia em detrimento da cultura africana.

O sexto capítulo, de Regina Marques de Souza Oliveira, discute a saúde mental da população negra, observando os processos subjetivos e a construção de identidade por meio da análise de uma pesquisa-intervenção realizada com alunos de 4 a 6 anos e com três professores responsáveis pela coleta de dados no ambiente escolar, utilizando o filme *Kiriku e a feiticeira*, para trabalhar a diversidade racial. Depois de assistir ao filme, algumas crianças começaram a chamar uma criança negra de Kiriku e ela começou a se sentir triste e retraída, afirmando para sua professora que não gosta desse apelido. Nesse sentido, a autora questiona: “por que em relação à criança mais negra entre as demais, o herói Kiriku africano foi revestido em anti-herói e transformado em chacota?”. A resposta é que “uma criança invejada nunca será chamada de ‘super-homem’ ou ‘Batman’ para ser maltratada emocionalmente - ironizada por seus pares. (...)” As crianças são precocemente expostas a situações simbólicas de valores e hegemonias culturais em seus contextos de vida (OLIVEIRA, 2017, p. 121).

Oliveira chama a atenção para a necessidade de formação de profissionais dos campos da saúde e educação para lidarem com as questões étnicas no que diz respeito ao psiquismo e à identidade.

Os três últimos capítulos do livro são dedicados à educação escolar indígena. O sétimo capítulo, escrito por José Valdir de Santana, Ana Elisa Santiago e Clarice Conh, traz uma discussão panorâmica, empregando uma perspectiva antropológica, sobre a escola e o currículo como produtores de culturas e de construção de identidades em

contextos indígenas. Os autores fazem um recorte etnográfico, apresentando análises de diversas pesquisas realizadas com comunidades indígenas (Maxakali, Tupi guarani, Bakairi, Tupinambá), assim como as pesquisas etnográficas produzidas pelo grupo do Observatório da Educação Escolar Indígena, da Universidade de São Carlos. Todas as discussões consideram que o currículo deve atender as especificidades das comunidades indígenas para assim haver uma troca intercultural de conhecimento com o povo branco.

No penúltimo capítulo, José Jesus de Santana e Clarice Conh “refletem acerca dos modos como os Tupinambás de Olivença, localizados no município de Ilhéus-BA, têm se apropriado da escola, e, conseqüentemente, dos sentidos que esses sujeitos têm atribuído à educação escolar” (SANTANA; CONH, 2017, p. 162). Os Tupinambás veem a escola como um importante lugar de produção de cultura de sujeitos “fortes”, assim, o conhecimento é tornado cultura e a cultura é tornada conhecimento.

Nessa perspectiva, evidencia-se que a educação escolar Tupinambá é operacionalizada como promotora de cultura, de conhecimento e de seres políticos. Além disso, promove a socialidade entre parentes para formar sujeitos “fortes”, a fim de que o modo de vida tradicional do seu povo não enfraqueça. Ainda que a escola tenha suas problemáticas, ela preserva e reverbera o importante papel de produzir e reproduzir a cultura.

O último capítulo, de Paulo de Tássio Borges da Silva e José Valdir Jesus de Santana, apresenta o resultado de etnografia realizada com crianças Pataxó do Território Indígena Kaí-Pequi, localizado no município de Prado-BA, com o objetivo de compreender as relações de trabalho e formas de agenciamento utilizadas por esses sujeitos. Para o estudo teórico sobre crianças, os autores se apoiaram na Antropologia e Sociologia da Criança que entendem esses sujeitos como seres históricos e culturais; bem como em etnólogos que estudam a criança indígena no Brasil. Debruçando sobre as diversas pesquisas realizadas com as crianças Pataxós, os autores observam que todos os trabalhos “valorizam o papel de agência da criança, mostrando seu protagonismo na construção cultural do seu povo” (SILVA; SANTANA, 2017, p. 197), haja vista que “a relação das crianças Pataxós com o trabalho faz parte de sua construção enquanto pessoa (...) produzir farinha, vender artesanato, panhar aroeira, dentre outras atividades, diz muito de como se constrói Pataxó” (SILVA; SANTANA, 2017, p. 201).

Valendo-se de pesquisas com sustentações sociológicas, antropológicas, históricas e pedagógicas, o livro aqui resenhado soma-se às publicações que têm contribuído para a compreensão das relações étnicas na sociedade brasileira. Elementos sociais, culturais e educacionais presentes no livro possibilitam o entendimento das relações raciais presentes em nosso país. A obra é indicada para professores da educação básica e estudantes de cursos de licenciatura.

Recebido em: 12 ago. 2018.

Aceito em: 12 set. 2018.